

Fidel Castro: Para a honra, Medalha de Ouro

O líder da Revolução Fidel Castro afirmou nesta segunda-feira (25) que Cuba "não pratica o chauvinismo nem comercializa com o esporte, que é tão sagrado como a educação e a saúde do povo, e assegurou que pratica, em troca, a solidariedade".

"Recebamos os nossos esportistas olímpicos em todos os cantos do país. Ressaltemos sua dignidade e seus méritos. Façamos por eles o que estiver ao nosso alcance", ressaltou Fidel Castro em um artigo especial para a publicação digital Cubadebate intitulado "Para a honra, Medalha de Ouro".

Fidel ressaltou que "os atletas cubanos que competiram em Pequim e, ao invés de ouro, trouxeram prata, bronze ou um lugar destacado nas disputas, têm um enorme mérito como representantes do esporte amador que deu origem ao ressurgimento do movimento olímpico".

"São exemplos insuperáveis no mundo", sublinhou o líder cubano.

O Vermelho reproduz a seguir, na íntegra, o texto publicado pela agência Prensa Latina:

Reflexões do companheiro Fidel

Para a honra, Medalha de Ouro

Se for feita uma estatística sobre o número de instalações e campos esportivos e equipamentos sofisticados por milhão de habitantes que acabamos de ver nos últimos Jogos Olímpicos: piscinas de natação, de saltos de pólo aquático, solos artificiais para disputas de campo e pista, hóquei sobre grama, instalações para basquete, para voleibol, trajetos para caiaque, pistas de ciclismo para corridas de velocidade, campos de tiro, etc., poder-se-ia afirmar que os mesmos não estão ao alcance de 80% dos países representados em Beijing, o equivalente a bilhões de pessoas que habitam o planeta. A China, país imenso e milenar, com mais de 1 bilhão e 200 milhões de habitantes, investiu 40 bilhões de dólares nas instalações olímpicas e ainda precisará de tempo para satisfazer as necessidades esportivas de uma sociedade em pleno desenvolvimento.

Se forem somadas as pessoas que habitam a Índia, Indonésia, Bangladesh, Paquistão, Vietnã, Filipinas e outros, sem contar os quase 900 milhões de africanos e mais de 550 milhões de latino-americanos, será possível ter uma idéia das pessoas que carecem de tais instalações esportivas no mundo.

É à luz destas realidades que devemos analisar as notícias em torno dos Jogos Olímpicos de Beijing.

O mundo desfrutou da Olimpíada porque sentia necessidade dela, porque desejávamos ver os sorrisos e as emoções dos atletas participantes e, em especial, a conquista dos primeiros lugares que premiaram desempenho e disciplina.

A qual deles poderíamos culpar peças enormes desigualdades do planeta em que nos tocamos viver? Como esquecer, por outro lado, a fome, a subnutrição, a ausência de escolas e professores, hospitais, médicos, medicamentos e meios elementares de vida de que padece o mundo?

Sabemos o que realmente desejam aqueles que saqueiam e exploram o planeta que habitamos. Por que explodiu a violência e agravaram-se as ameaças de guerra no mesmo dia que se iniciaram os Jogos Olímpicos? Eles duraram apenas 16 dias.

Agora, passado o efeito da anestesia, o mundo volta aos seus angustiantes e crescentes problemas.

Há alguns dias escrevi sobre o nosso esporte. Eu vinha denunciando há muito tempo as repulsivas ações mercenárias dirigidas contra essa atividade revolucionária e em defesa do valor e da honra dos nossos atletas.

Enquanto aconteciam as competições, meditava sobre essas questões. Talvez não tivesse decidido escrever tão cedo sobre o tema se não houvesse ocorrido o incidente com o atleta cubano de taekwondô, Ángel Valodia Matos - campeão olímpico há 8 anos em Sidney - cuja mãe faleceu durante a competição em que conquistou a medalha de ouro, a 20 mil quilômetros de sua pátria. Assombrado com uma decisão que lhe pareceu totalmente injusta, protestou e acertou o árbitro com um chute. Haviam tentado comprar seu próprio treinador, tinha várias razões para estar indignado. Não conseguiu se conter.

O atleta costumava enfrentar com bravura as freqüentes lesões sofridas na prática do taekwondô. O árbitro suspendeu o combate quando ganhava por três a dois. Não foi o único caso. Enquanto é muito grande o poder do árbitro nesse tipo, não há qualquer poder de reação por parte dos atletas. Ambos os esportistas cubanos, taekwondoca e técnico, foram proibidos definitivamente de participar em competições internacionais.

Vi quando os juízes roubaram descaradamente durante as lutas de dois boxeadores cubanos nas semi-finais. Os nossos combateram com dignidade e valentia; atacavam constantemente. Tinham esperanças de ganhar, apesar dos juízes, mas foi inútil: estavam condenados de antemão. Não vi a de Correa, que também foi declarado perdedor.

Não em sinto obrigado a silciar perante a máfia. Esta tece suas artimanhas para corromper as regras do Comitê Olímpico. Foi criminoso o que fizeram com os jovens de nossa equipe de boxe com o intuito de facilitar o trabalho daqueles que se dedicam a roubar atletas do Terceiro Mundo. Em meio a sua voracidade, deixaram Cuba sem uma só medalha de ouro olímpica nessa modalidade.

Cuba jamais comprou um atleta ou um árbitro. Há esportes onde a arbitragem está muito corrompida e nossos atletas se vêem obrigados a lutar contra o adversário e o árbitro. Já antes, o boxe cubano, cujo prestígio é reconhecido internacionalmente, teve que enfrentar tentativas de suborno e corrupção por parte daqueles que queriam arrancar à dentadas as medalhas de ouro de Cuba comprando boxeadores altamente treinados e experientes, como fazem com jogadores de beisebol esportistas destacados de outras modalidades.

Os atletas cubanos que competiram em Pequim e, em vez de ouro, trouxeram prata, bronze ou um lugar destacado nas competições, têm um enorme mérito como representantes do esporte amador que deu origem ao ressurgimento do movimento olímpico. São exemplos insuperáveis no mundo.

E com que dignidade competiram!

O profissionalismo foi introduzido nas Olimpíadas por interesses comerciais, que transformaram o esporte e os esportistas, como dissemos, em simples mercadorias.

Foi exemplar a conduta da equipe olímpica de Cuba no beisebol. Derrotaram duas vezes em Pequim a seleção dos Estados Unidos, país onde foi inventado esse esporte, que foi eliminado das Olimpíadas para atender aos interesses das grandes empresas comerciais. 2008 foi, por enquanto, seu último ano de participação olímpica.

A partida final com a Coréia do Sul foi considerada como a mais tensa e extraordinária já acontecida em uma Olimpíada. Foi decidida no último inning, com três cubanos em base e um out.

Os jogadores profissionais adversários eram como máquinas projetadas para rebater; seu pitcher era um canhoto veloz, com jogadas variadas e precisas. Trata-se de uma excelente equipe. Os cubanos não praticam o esporte como profissão lucrativa; são educados, como todos

os nossos atletas, para servir ao seu país. Se não fosse assim, a Pátria, pequena em tamanho e com recursos limitados, os perderia para sempre. Não é possível calcular sequer o valor dos serviços recreativos e educativos que, ao longo de sua vida, prestam ao país, em todas as províncias e na Ilha da Juventude.

No vôlei, a equipe derrotou a seleção norte-americana na fase eliminatória, como que saltando do degrau mais baixo de uma escada para mais de 50 degraus. Uma façanha que, ainda que regressem sem medalhas, passará à história.

Mijaín ganhou com toda a altivez, em uma difícil prova contra o rival russo, a primeira medalha de ouro para Cuba.

Dayron Robles ganhou o ouro com ampla margem. A chuva ensopou a pista. Sem a umidade que ainda restava, teria podido quebrar facilmente o recorde olímpico, além do mundial que tinha batido semanas antes no difícil e milimétrico evento dos 110 metros com barreiras. É um atleta disciplinado e tenaz com seus 21 anos e nervos de aço.

Yoanka González ganhou a primeira medalha cubana de ciclismo em uma Olimpíada.

Leonel Suárez, que obteve no decatlo a medalha de bronze, completará 21 anos em setembro. Os resultados atingidos em cada um dos dez eventos de seu quase inacessível esporte impressionam.

São tantos os atletas com grandes méritos, homens e mulheres, que não poderíamos enumerar todos aqui, mas é impossível esquecê-los.

Mais de 150 atletas de nossa pequena ilha participaram na Olimpíada de 2008 e batalharam em 16 dos 28 esportes que ali se competiu.

Nosso país não pratica o chauvinismo nem comercializa com o esporte, que é tão sagrado como a educação e a saúde do povo; pratica, em troca, a solidariedade. Há anos criou uma Escola Formadora de Professores de Educação Física e Esportes, com capacidade para mais de 1.500 alunos do Terceiro Mundo. Com esse mesmo espírito solidário celebra o triunfo dos velocistas jamaicanos, que obtiveram 6 medalhas de ouro; do saltador panamenho com ouro; do boxeador dominicano também com ouro ou das jogadoras de vôlei brasileiras que venceram avassaladoramente a equipe dos Estados Unidos e conquistaram o primeiro lugar.

Por outro lado, milhares de instrutores esportivos cubanos cooperaram com países do Terceiro Mundo.

Estes méritos de nosso esporte não nos eximem nem um pouco das responsabilidades presentes e futuras. Nas disputas esportivas mundiais, graças às causas assinaladas, produziu-se um avanço de nível. Não vivemos hoje nas mesmas circunstâncias da época em que chegamos a ocupar, relativamente cedo, o primeiro lugar no mundo em medalhas de ouro por habitante e é claro que isso não voltará a se repetir.

Representamos cerca de 0,07% da população mundial. Não podemos ser fortes em todos os esportes como os Estados Unidos, que possui uma população pelo menos 30 vezes maior. Nunca poderíamos dispor sequer de 1% das instalações e equipes variadas ou dos climas variados de que eles dispõem. O mesmo ocorre em relação ao resto do mundo rico, equivalente a pelo menos duas vezes o número de habitantes dos Estados Unidos. Esses países somam ao redor de bilhões de pessoas.

O fato de estarem participando mais países e de as disputas serem mais duras é, em parte, uma vitória do exemplo de Cuba. Mas dormimos sobre os louros. Sejamos honestos e reconheçamos todos. Não importa o que digam nossos inimigos. Sejamos sérios. Revisemos cada modalidade, cada recurso humano e material que dedicamos ao esporte. Devemos ser profundos nas análises, aplicar novas idéias, conceitos e conhecimentos. Distinguir entre o que se faz pela saúde dos cidadãos e o que se faz pela necessidade de competir e divulgar este instrumento de

bem-estar e de saúde. Podemos não competir fora do país e o mundo não acabaria por isso. Penso que o melhor é competir dentro e fora, enfrentarmos todas as dificuldades e fazermos um uso melhor de todos os recursos humanos e materiais disponíveis.

Preparemos-nos para importantes batalhas no futuro. Não nos deixemos bajular pelos sorrisos de Londres. Ali estará o chauvinismo europeu, a corrupção arbitral, a compra de músculos e cérebros, um custo impagável e uma forte dose de racismo.

Não podemos sequer sonhar com que Londres atingirá o grau de segurança, disciplina e entusiasmo que vimos em Pequim. Uma coisa é certa: haverá um governo conservador, talvez menos belicoso que o atual.

Não esqueçamos a honradez, honestidade e prestígio profissional de que gozam nossos árbitros internacionais e colaboradores esportivos.

Para o nosso atleta de taekwondo e seu treinador, nossa total solidariedade. Para os que regressam hoje, os aplauso de todo o povo.

Recebamos os nossos esportistas olímpicos em todos os cantos do país. Ressaltemos sua dignidade e seus méritos. Façamos por eles o que estiver ao nosso alcance.

Para a honra, Medalha de Ouro!

Fidel Castro Ruz, Havana, 24 de agosto de 2008, 21h05

[Agência Prensa Latina](#)